

TRAJETÓRIAS E FORMAÇÃO DE RODOLFO TEÓFILO

Hélio Beserra de Sousa Júnior*

Manoel Carlos Fonseca de Alencar**

Este trabalho tem o objetivo de analisar a trajetória, formação intelectual e atuação de Rodolfo Marcos Teófilo, farmacêutico e escritor baiano radicado no Ceará. O estudo vai até 1890, ano de publicação de seu primeiro romance, *A Fome*. Antes do romance naturalista, contudo, o autor já havia produzido uma densa obra sobre o flagelo da seca de 1877-1879, no livro intitulado *História da Seca do Ceará* (1883), que lhe garantiu o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi utilizando elementos desse primeiro estudo histórico, assim como de sua formação raciológica e cientificista, que Teófilo recriou de forma ficcional os flagelos da seca. Assim, o trabalho procura estabelecer a relação entre o contexto histórico em que viveu o autor e a produção de seus inscritos.

1. Rodolfo Teófilo: trajetória e formação

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu no dia seis de maio de 1853, em Salvador, Bahia. Filho do médico Marcos José Teófilo, natural do Ceará, e de D. Antônia Josefina Sarmiento Teófilo. Ele viveu entre os anos de 1853 e 1932 e escreveu vinte e sete livros. Farmacêutico, o autor foi também um historiador das secas, contista, romancista, e fabricante do vinho de caju que ele mesmo batizou de cajuína, poeta pioneiro do sanitarismo e da epidemiologia no Ceará. Assim, um homem de ciência e das letras.

Rodolfo teve uma infância marcada pela orfandade precoce, com dificuldades financeiras, ainda na adolescência teve que trabalhar como caixeiro¹. Essa atividade era bastante humilhante para o rapaz, como afirma Lira Neto:

Rodolfo não tinha escolha. Odiava aquela rotina de escravo. Sentia-se humilhado, tendo que lambeir as botas do patrão em troca de nada. O serviço não era tão pesado assim. A forma como era tratado é que o revoltava. Sempre aos gritos. Depois de varrer a loja e a rua, tinha poucos minutos para engolir o café. Ia passar o dia inteiro atendendo aos fregueses no balcão. (NETO, 2001, p.51).

* Aluno do Curso de História da faculdade de Educação, Ciências e Letras do sertão central (FECLESC-UECE).

** Professor Doutor do Curso de História da faculdade de Educação, Ciências e Letras do sertão central (FECLESC-UECE).

¹ Essa fase da vida Teófilo retrata em: TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro (Reminiscências)*. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

Contudo, em meio às dificuldades de seu trabalho, Teófilo acabou conseguindo preparar-se para o Curso de Farmácia em Salvador, no qual foi diplomado em 1875. Retornando para o Ceará depois de formado, foi morar em Pacatuba, onde abriu uma farmácia. Depois de alguns meses, onde pôde se estruturar financeiramente, foi para Fortaleza e abriu outra farmácia, dessa vez no centro de Fortaleza.

Na sua infância Teófilo havia convivido de forma dramática com uma grande epidemia de cólera. Em 1862 a doença estava matando milhares de pessoas no Ceará, levando o medo e a morte para toda a população. Em Maranguape, onde nosso protagonista vivia com a família, morriam cerca de 50 pessoas todos os dias. A única fonte utilizada pelos biógrafos para descrever a vida de Rodolfo Teófilo nesse período é a novela *Violação*, publicada por Teófilo em 1898. Sobre a obra destaca Waldy Sombra:

Em linguagem seca, enxuta, vai aos poucos, progressivamente trazendo diante dos nossos olhos espantados o avanço incontrolável da moléstia, a ausência quase completa de assistência, prestada unicamente por Marcos José Teófilo, seu pai, o abandono irremediável dos enfermos, o ranger rouquenho das padiolas carregando cadáveres para serem jogados “na tulha, do outro lado do rio”, e o badalar fúnebre do sino. Dá-se o pavoroso clímax em violação, quando da cena de necrofilia em que o noivo da vítima, atirado como morto entre os cadáveres, inerte, semi-inconsciente, assiste a selvageria perpetrada por dois padioleiros embriagados, embrutecidos, animalizados. (SOMBRA, 1997, p. 219-220).

O garoto Rodolfo², contando com nove anos de idade, observava a labuta diária do pai, médico da pobreza. Marcos José trabalhava sem descanso. Em muitos dos casos, não se tinha mais o que fazer, dada as condições técnica e científica da época. Quando possível, o tratamento era feito a base de fricção de álcool, cânfora pelo corpo inteiro e ingestão de garapa de limão. Acreditava-se que a doença era transmitida por miasma. Uma medida drástica para acabar o surto da doença era a purificação do ar. O governo mandava então cavar, nas ruas da cidade, grandes buracos onde se queimava grande quantidade de alcatrão. Com isso esperava-se espantar os miasmas.

Os jornais da época mostravam formas para as pessoas se prevenirem contra a doença. Como aponta Mayara de Almeida Lemos:

Portanto, para evitar a propagação da epidemia, as recomendações eram voltadas à questão da higiene - dos espaços públicos, das habitações, roupas; dietas - alimentação adequada, moderada, e hábitos - evitar excessos de qualquer ordem. É

² Passaremos a chama-lo assim aqui, para evitar que se confunda o pai com o filho.

importante salientar ainda a influência da Medicina Social Francesa na formação acadêmica brasileira, pois pregava a intervenção nos espaços urbanos como forma de combater os miasmas, e, portanto, mais adepta da infecção como causa das epidemias. (LEMOS, 2013, p.48)

Conforme essa passagem, os hábitos dos pobres eram considerados um perigo para a saúde pública. Acreditava-se que a pobreza e a falta de conhecimento eram o principal responsável pela insalubridade. É nesse período que surge a Santa Casa de Misericórdia em Fortaleza. Houve assim, um estabelecimento de “práticas de controle higiênico sobre a população.” (PONTE, 2000, p.164).

Rodolfo, que tinha muito medo da situação, costumeiramente se trancava no quarto de onde só saía na volta de seu pai do trabalho. Tinha muito medo dos sinos da igreja e do barulho feito pelas rezadeiras. O som dos sinos representava morte, pois, dobravam em respeito aos que haviam falecido. Com o vertiginoso aumento do número de mortos era comum que os dobres de sinos fossem proibidos, para evitar o pânico (LEMOS, 2013).

A população de Maranguape se dizimava. No desespero de salvação da doença, moribundos eram abandonados pela família e morriam à mingua. No entanto, a tentativa de fuga da cólera, na esmagadora maioria dos casos, era em vão. Pois para onde iriam os enfermos? Quem os salvaria? Dessa forma inúmeras pessoas eram encontradas mortas ou para morrer ao longo das estradas. Era comum a invasão e saque das casas. Na casa de Rodolfo ninguém saía, exceto o pai, nem mesmo para ir à missa.

A tragédia não demorou a chegar à casa de Rodolfo Teófilo. Em um só dia, a cólera havia derrubado todos da família. A doença acometeu o pai, os irmãos, a tia madrastra e os criados. O único que não ficou doente foi o pequeno e franzino Rodolfo Teófilo. Supostamente a causa da imunidade foi o problema de azia que sentia frequentemente, doença que lhe acompanhou a vida inteira³.

Como era o único saudável da casa, Rodolfo Teófilo fazia todos os trabalhos domésticos: limpava o chão, esvaziava os penicos, entupidos ao máximo de fezes da noite anterior. Também trocava e lavava as roupas da família. E ainda foi dele a tarefa de ajudar no parto de sua irmã Maria. Assim descreve Lira Neto:

³ Pelo fato da bactéria causadora da cólera, o vibriocolerae, só chegar ao intestino delgado e passar a produzir toxinas se vencer o conteúdo ácido do estômago, teria sido justamente a acidez do estômago que o protegeu da doença.

Também teria sido ele que, quando Tia Guilhermina começou a sentir as dores do menino, ajudou a botar mais uma irmãzinha no mundo. O pai, prostrado na cama ao lado, chamou Rodolfo e pediu para examinar a filha recém-nascida. O menino amolegou o bebê com cuidado, as mãos trêmulas, e o colocou à altura das vistas do pai – mas alguns palmos distantes do leito, para evitar que ele baforasse o veneno do cólera em cima da pobre coitada. (NETO, 2001, p. 37).

O bebê nasceu muito fraco, o menino correu imediatamente até a casa do vizinho, com o intuito de batizar a irmã, para evitar que morresse pagã. Contudo, a menina veio a falecer no dia seguinte. Rodolfo improvisou um pequeno esquife com uma caixa vazia e partiu para o cemitério. No trajeto se deparou com cenas fortes.

Poucos metros antes de chegar ao destino, sentiu o cheiro de carne podre empestando o ar. Tulhas de cadáveres estavam espalhadas pelo chão. Faltou-lhe sangue na cara, as pernas bambearam. Veio à cabeça a ideia de largar a caixa em uma moita qualquer e voltar avoadado para a casa. Mas a única coisa que conseguiu fazer foi soltar um berro medonho, chorar feito bezerro desmamado. Não ia conseguir fazer aquilo sozinho. (NETO, 2001, p. 40).

Percebeu então, que se aproximavam dois bêbados⁴, que carregavam um defunto, criou coragem e passou a segui-los até próximo ao cemitério. Os homens jogaram o cadáver em um amontoado de corpos⁵, aproximando-se o menino reconheceu o defunto, era o vizinho que no dia anterior havia batizado sua finada irmã. Atônito, deixou a caixa com o corpo da irmã e voltou aturdido para casa. A existência de Maria é motivo de dúvida, pois não foi encontrada mais nenhuma referência sobre essa criança, diferentemente dos outros personagens retratados na novela *Violação*. A dúvida gerada é se esse foi um artifício de Teófilo para deixar a história mais comovente, prendendo o leitor à trama.

Escaparam com vida a epidemia que assolou o Ceará durante dois anos, no entanto, dois anos depois morreu o patriarca e provedor da família, aos 43 anos, em Pacatuba, atolado em dívidas e enfraquecido em decorrência da cólera não suportou o beribéri⁶. Deixou mulher e seis filhos. Tia Guilhermina, a madrastra, teve a ideia de manda-lo para Fortaleza, para que pudesse estudar. Como não podia pagar por um internato, pediu ajuda para os padrinhos e tios do menino, que moravam na capital, o pedido foi aceito, logo ele se mudou e foi matriculado no Atheneu Cearense⁷, em julho de 1865.

⁴ Era comum que os responsáveis pelos sepultamentos fizessem uso de bebidas para enfrentar a tarefa.

⁵ A grande mortandade impossibilitava que os sepultamentos fossem realizados, por isso muitos corpos eram jogados no chão do cemitério.

⁶ O beribéri é uma doença que pode causar sintomas em todo o corpo, como câibras musculares, visão dupla e confusão mental, sendo causada pela falta de vitamina B1 no organismo, também conhecida como tiamina, que é responsável pelo metabolismo de carboidratos no corpo e produção de energia.

⁷ Primeiro colégio de ensino primário e secundário de Fortaleza, fundado no ano de 1863.

A instituição funcionava em regime de internato e externado, significava grande avanço educacional no período. Antes dele, as crianças já sabendo o básico, eram mandadas para terem aulas com professores particulares, que geralmente exerciam o magistério em um dos cômodos da casa. O Atheneu, contava com mais de 80 internos e cem externos, os alunos eram divididos em três classes: a primeira com alunos entre sete e doze anos; a segunda, com os que tinham de doze a quinze; e a terceira com os rapazes entre dezesseis e vinte anos.

No colégio conviveu com futuras figuras ilustres, entre outros, Thomás Pompeu, Rocha Lima, Domingos Olympio e Capistrano de Abreu; alimentando por esse último uma amizade. Quando concluiu o primeiro ano, o padrinho decidiu que ele deveria parar com os estudos e começar a trabalhar no comércio, gerando insatisfação no diretor do Atheneu, pois Rodolfo Teófilo era um dos seus melhores alunos. Sendo assim, o diretor deu a oportunidade de Rodolfo Teófilo estudar gratuitamente no Atheneu se, em troca, o garoto desse algumas aulas de reforço às turmas menos avançadas e a alunos retardatários do colégio.

Devido a grande carga de trabalho, o estudante caiu muito em seu desempenho escolar, o que levou seu padrinho a tirá-lo do Atheneu, antes que pudesse completar os estudos, logo lhe arranhou um emprego de caixeiro na casa comercial Albano & Irmão, de propriedade do Barão de Aracati, um dos figurões mais importantes da província. Contudo, ainda continuou a estudar por conta própria nos intervalos do trabalho, muitas vezes de madrugada.

Com a ajuda do capitão Henrique da Justa, antigo conhecido de seu falecido pai, Teófilo pôde fazer os preparatórios em Recife⁸ para ingressar na faculdade de farmácia da Bahia, bem que queria se formar médico como o pai mais as condições financeiras não eram propícias para tal. Passou com excelentes notas nos testes da admissão.

2. Formação intelectual e vinculação ao naturalismo

O século XIX é o período da institucionalização da medicina no Brasil. Nesse século foram criadas no país as instituições de pesquisa e ensino superior, sobretudo devido à transferência da corte portuguesa para o Brasil, que procurava constituir aqui um espaço

⁸ Para ingressar em uma faculdade era exigido que se fizesse exames preparatórios em Recife, São Paulo ou Rio de Janeiro.

cultural semelhante ao da Europa. A principal influência no período era a medicina clínica francesa. Conforme Luiz Otávio Ferreira:

Ao estudante de medicina, na época, ensinava-se, fundamentalmente, identificar a doença e classificá-la segundo seus sinais evidentes. Ele não deveria em nenhum momento cogitar sobre suas causas internas. É certo que havia por parte dos médicos esse tipo de preocupação, mas tratava-se sempre de causas externas: clima, alimentação e estilo de vida. (FERREIRA, 1994, p. 59).

O curso de Farmácia era ligado à Faculdade de Medicina da Bahia, considerada um dos principais centros do pensamento intelectual brasileiro. Foi durante o período que passou na Faculdade que Teófilo teve contato com teorias modernas, como o darwinismo social.

As epidemias que assolavam o Brasil eram a principal preocupação dos profissionais de saúde da época. Desde o período colonial, muitas doenças infectocontagiosas haviam acometido a população. Febre amarela, lepra, varíola, tuberculose, cólera etc. O saneamento, ligado a noção de higiene, como forma de prevenção das moléstias era o tema central entre o saber médico, como salienta Lilia Moritz Schwarcz:

Nesse momento, conectada à noção de higiene, aparecia a ideia de saneamento: caberia aos médicos sanitaristas a implementação de grandes planos de atuação nos espaços públicos e privados da nação, enquanto os higienistas seriam responsáveis pelas pesquisas e pela atuação cotidiana no combate às epidemias e às doenças que mais afligiam as populações. No entanto, essa divisão entre sanitaristas – responsáveis pelos grandes projetos públicos – e higienistas – vinculados diretamente às pesquisas e à atuação médica mais individualizada – funcionou, muitas vezes, de maneira apenas teórica. Na prática, as duas formas de atuação aparecem de modo discriminado. (SCHWARCZ, 1993, p. 270)

Não bastava procurar a cura para as doenças, era necessário sanear as cidades, evitando que as doenças retornassem. Esse é o período dos ambiciosos projetos de saneamento urbano que atingem todos os espaços de habitação humana. Tratasse de outra influência da prática médica francesa, pois foi nesse país que mais se desenvolveu a ideia de higiene pública⁹.

O tema racial é fundamental como base teórica para os médicos baianos. Esses intelectuais estabeleciam vínculos entre as doenças e as raças, compreendendo as últimas como fatores condicionantes para determinadas doenças. Para eles, a miscigenação explicaria todas as mazelas da sociedade: a criminalidade, a loucura, a degeneração, os vícios.

⁹ Michel Foucault faz uma breve discussão sobre o assunto em: FOUCAULT, Michel. “O nascimento da medicina social”. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

Esse tipo de pensamento propiciou o surgimento de diversos métodos que buscavam compreender as diferenças entre as raças como a frenologia e a antropometria que procurava por meio de medições físicas interpretar e determinar elementos do comportamento humano. Os autores mais estudados nesse sentido eram o conde francês Arthur de Gobineau e o criminalista italiano Cesare Lombroso.

Gobineau defendia a total condenação do arbítrio do indivíduo. Para ele, a mistura das “espécies humanas diferentes” levaria unicamente a degeneração da raça. Lombroso por sua vez, foi o principal expoente da antropologia criminal. Para ele a criminalidade era um fenômeno físico e hereditário. Em seu método através de um estudo da medição craniana procurava determinar quem era criminoso ou não, por apresentar uma assimetria facial ou craniana. (SCHWARCZ, 1993).

Sobre essas influências os intelectuais baianos viam na miscigenação o grande problema nacional. O mestiço, resultado da mistura do branco, índio e negro, era tido como um mal. Rodolfo Teófilo demonstrará essas influências higienistas e raciológicas em suas obras onde fará recorrentemente uso de termos científicos para justificar seus posicionamentos.

Rodolfo Teófilo inaugura o Naturalismo na literatura cearense com *A Fome* (1890). Entre os brasileiros foi um dos que mais seguiu à risca as influências de Émile Zola, no que se refere ao uso de termos científicos na produção literária (BRITO, 2013). Teófilo como escritor naturalista buscava retratar a realidade tendo em foco as mazelas sociais da sociedade de seu tempo. Nas cenas descritas pelo escritor, existe um detalhamento cauteloso retratando aspectos negativos da natureza humana, que tende a se animalizar devido à raça degenerada, o momento de dificuldade extrema e o meio insalubre em decorrência da seca. Esse rigor nas descrições revela a preocupação de manter a veracidade do que está sendo contado no romance.

Em *A Fome* o escritor procurou denunciar vários aspectos da realidade da seca de 1877-1879, de que discordava veementemente: a corrupção dos comissários de socorros públicos, o descaso das autoridades com o sofrimento dos retirantes, os trabalhos forçados a que eram submetidos nas frentes de trabalho, a violência das autoridades policiais; além das insalubres condições dos abarracamentos em que eram alojados os flagelados, aumentando o risco de disseminação das doenças; como também a política de migração promovida pelas

autoridades locais e a população abastarda cearense, sobretudo, aquelas pessoas que, insensíveis aos sofrimentos dos retirantes, continuavam esbanjando riqueza com gastos extravagantes.

O romance *A Fome*, de Rodolfo Teófilo constituísse uma importante fonte histórica para se compreender aspectos da sociedade cearense do final do século XIX, principalmente, dos anos de 1877 a 1889, período que o romance retrata. No entanto, para compreender a obra é importante conhecer a trajetória de vida do escritor. Assim, podemos ter uma análise mais profunda que nos faz entender o engajamento e os posicionamentos do mesmo.

3. Rodolfo Teófilo e a grande seca 1877

No final do século XIX, Fortaleza passava por um processo de modernização. Os planos de expansão lançavam a capital em direção a civilização de modelo europeu. Ainda nas décadas de 60 e 70, a aparência da cidade começava a sofrer alterações. Os hospitais, asilos, teatros, cemitério afastado da cidade, associações letradas e outras instituições que constituem o cenário da vida urbana civilizada, foram pensadas e planejadas desde esses anos. É notável também certo afrancesamento da classe abastada, como destaca o historiador Sebastião Rogério Ponte:

Em Fortaleza, encontrado terreno fértil entre os grupos citadinos afluentes e ávidos por novidades importadas, o culto ao afrancesamento se traduziu de várias formas. Uma delas foi o hábito de falar ou usar expressões em francês para distinguir-se enquanto culto e moderno, ou empregar nomes franceses em estabelecimentos comerciais para atrair clientela. (PONTE, 2000, p. 172)

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e mentalidade fortalezense. Acompanhar o progresso significava alinhar-se com os costumes e desenvolvimento europeu. Esse é o ambiente que Rodolfo Teófilo encontrou em seu regresso. Tal progresso associa-se aos 32 anos de regularidade climática, em que o Ceará não foi assolado pelas grandes secas. A grande seca de 1877-1879, no entanto, veio paralisar o fluxo de modernização que a cidade passava.

Teófilo viveria esse momento de forma intensa, sendo, como destaca Frederico de Castro Neves, o grande cronista da seca de 1877. Neves, historiador que se dedicou a estudar saques e ações de massa dos retirantes cearenses de 1877 até a década de 1950, teve como

fonte fundamental para sua pesquisa os livros de Teófilo, principalmente, *História da Seca no Ceará* (1883), que retrata de forma documental a seca de 1877-1879.

O inverno de 1876 havia sido pouco chuvoso, dando-se por isso grande mortandade nos gados. Entrara o mês de janeiro, e ainda se abriam cacimbas nos leitos dos rios, ainda se cortava rama para o gado não morrer à fome. A população sertaneja, contudo, esperava o dia de São José para decidir sua sorte. No dia 19 de Março de 1877, não caiu uma gota de chuva. “O sol despontou tão radiante como nos mais belos dias de verão” (TEÓFILO, 1922, p. 80). O abandono das casas e roçados só acontecia, na maioria dos casos, quando as últimas esperanças de chuva já haviam acabado e os últimos grãos consumidos. Isso significa que os retirantes já saíam famintos de suas localidades. Dessa forma, no final de Março, após a frustração com o dia de São José, o povo começou a deslocar-se rumo ao litoral.

Em 14 de abril, chegou à Fortaleza a primeira leva de retirantes, vindos de Uruburetama, essa primeira caravana, composta de 35 pessoas, se alojou no morro do Croatá. A migração para Fortaleza, a partir daí, se tornou constante. Nos últimos anos de 1877, uma média de 500 flagelados passou a entrar, diariamente, na capital. Teófilo utilizava de seus conhecimentos científicos e recursos em favor dos miseráveis retirantes:

O espírito altruístico do Farmacêutico desdobra-se espontaneamente no atendimento aos enfermos e subnutridos. Parece sua Farmácia o consulado da miséria. Põe a prova todos os seus conhecimentos a favor dos indigentes, assistindo-os, socorrendo-os. O Ceará, pelos traços aparentes, celebrava um contrato de exclusividade com a fome, a penúria. Insignificantes os recursos oriundos da Corte para amenizar tanto sofrimento. (SOMBRA, 1997, p. 39)

As chuvas em 1878 não chegaram com frequência esperada e logo se soube que seria mais um ano de seca. As notícias advindas do interior eram aterradoras. Segundo noticiavam os jornais, a fome e o desespero faziam com que os flagelados comessem praticamente tudo que aparecesse: mucunã¹⁰, xique-xique, cães, gatos, morcegos, calangos, cobras, urubus, além de carne humana¹¹. Para Teófilo, assim como para a maioria de seus contemporâneos, aqueles eram sinais de selvageria. Neste ano a mortalidade aumentou de forma drástica. Uma febre misteriosa era a principal responsável.

¹⁰ Planta que salvou a vida de muitos retirantes, sendo ao mesmo tempo a causa de muitas mortes por intoxicação. O preparo era fundamental para a planta torna-se comestível.

¹¹ Alternativa que alguns retirantes encontraram no desespero, ocorreu em situações extremas, onde as regras sociais foram rompidas na tentativa de sobrevivência.

O presidente da província contratou todas as farmácias disponíveis, inclusive a de Teófilo, na tentativa de curar os retirantes e evitar que a moléstia se espalhasse por toda a cidade. Inúmeros pedidos de medicamentos chegavam a Teófilo. Ele aceitou o desafio. Passou então, a visitar todos os dias os abarracamentos e galpões, levando pessoalmente os medicamentos para os desvalidos. No entanto, os medicamentos não faziam o efeito esperado, o organismo dos doentes já se encontrava bastante debilitado pela fome e sede. Os locais que os retirantes usavam como abrigos eram verdadeiros focos de infecção.

Contudo, o pior ainda estava por vir, a varíola, temida doença mundial, aparece em Fortaleza no mês de setembro de 1878. Acreditasse que tenha sido trazida pelo porto de Aracati, que recebia muitas pessoas, provavelmente, acometidas pela doença. Já na ocorrência dos primeiros casos, o governo tentou vacinar os retirantes, no entanto, a vacina era vista com maus olhos por eles. Além disso, importada do Rio de Janeiro, era de eficácia duvidosa; possivelmente, muito velha e estragada pela viagem. A epidemia iniciou-se em Pacatuba, logo se espalhou por toda a província. As más condições de higiene favoreceram a proliferação da doença.

No mês de outubro foram registrados cinco mil casos de varíola, sendo 592 fatais. Um verdadeiro terror assolava a cidade, o comércio fechava as portas e as pessoas evitavam sair de casa. A varíola se espalhou e não respeitava raça, credo e nem classe social, quem não era vacinado estava sobre a mira da moléstia. As pessoas assistiam atônitas ao desfile dos mortos, levados pelas ruas da cidade até o cemitério da Lagoa Funda.

Após reunião de emergência entre o presidente da província e os médicos da cidade, foi decidido que seriam removidos os abarracamentos que ficavam a favor do vento em direção ao centro da cidade. Deveriam ficar a sotavento, para que as correntes de ar levassem embora a peste. Teófilo acompanhou à remoção do abarracamento do Meireles. Presenciou no recinto cenas de violência policial, contra pessoas que mal podiam ficar em pé por conta da doença. No dia 10 de dezembro a calamidade chegou ao ápice, só nesse dia o cemitério recebeu 1.004 cadáveres.

Da sua farmácia Teófilo acompanhava e vivenciava ativamente aquelas cenas, que posteriormente seriam retratadas em suas obras. As calamidades da seca foram gradativamente sendo superadas no ano de 1879, até que em 1880 a capital voltou a sorrir, com a chegada dos bondes e do Passeio Público. (PONTE, 2000, p. 169).

Considerações finais

Rodolfo Teófilo foi participante da dura realidade sobre a qual refletiu, se fazendo valer de uma narrativa que em diversos momentos adota tons cadavéricos. É propósito do escritor chamar atenção para as precárias e desumanas condições que eram submetidos os retirantes. É notório à centralidade do fenômeno da seca tanto na vida quanto na obra científica e literária do escritor, que procurava de forma direta ou indireta se engajar no meio social em que estava inserido. Sua inscrita se pauta na denúncia das mazelas sociais ao seu estilo naturalista, profundamente inspirado por sua formação científicista que o propiciou expressar e explicar vários aspectos do comportamento humano decorrentes do fenômeno da seca. Todos os elementos aqui levantados nos demonstram a necessidade de estudar a relação entre o discurso literário e histórico em um autor que teve com o fenômeno das secas uma experiência multifacetada que esteve marcada nele desde os primeiros anos e que, sobre o mesmo, Rodolfo Teófilo se envolveu diretamente como farmacêutico, que documentou, ficcionalizou e denunciou.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *A Fome, um Romance do Naturalismo?* Fortaleza: UFC, 2007. (Dissertação de Mestrado).

BRITO, Luciana. A Fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. *Estação Literária*, Londrina, v. 10b, p. 111-125, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10BArt8.pdf>>. Acesso em: 10/09/2017.

FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 4, n. 1, p. 57-78, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LEMONS, Mayara de Almeida. *O Terror se Apoderou de Todos: os caminhos da epidemia de cólera em Quixeramobim (1862-1863)*. Fortaleza: UECE, 2013. (Dissertação de Mestrado).

NETO, Lira. *O poder e a peste*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza In: SOUSA, Simone (org.) *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome: cenas da seca do Ceará*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

_____. *História da Seca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *O caixeiro (Reminiscências)*. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.